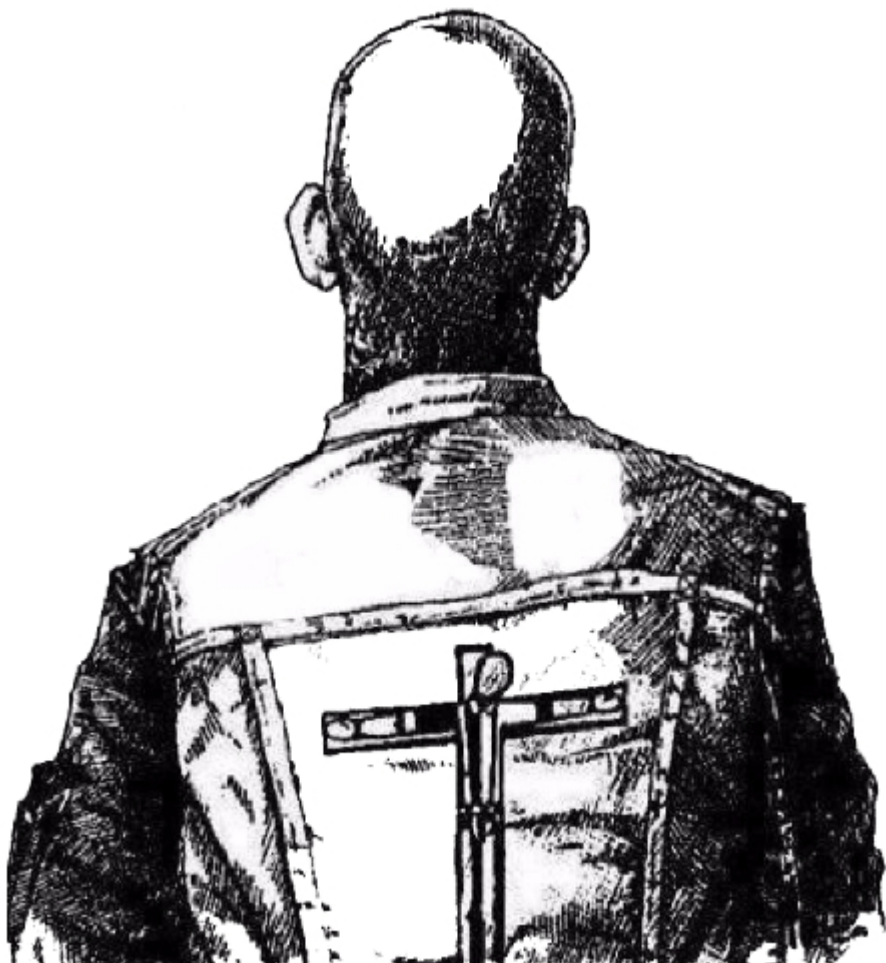


A história sem sensacionalismo do Skinhead e Oi! fascistas e antifascistas



+ Carecas do Brasil: Quem realmente foi doutrinado?

"A história sem sensacionalismo do Skinhead e Oi!: Fascistas e Antifascistas" é um material que escrevi em 2013. Na época eu via muita treta rolando na discussão sobre cena Oi! e procurei me aprofundar pra saber mais, já que o que rolava por aí, o "pdf da verdade", era cheio de falácias e desinformações e tava fazendo uma lavagem cerebral nas pessoas. Presenciei muitas brigas sem noção por puro preconceito e um reducionismo absurdo, e só por me meter no assunto acumulei diversas inimizades. Gente que eu conhecia há anos, com quem eu andava, apoiava as iniciativas, somava, trocava materiais libertários, começaram a me virar a cara, falar que eu era fascista e promoveram um boicote contra o material que eu queria lançar simplesmente por se tratar sobre skinheads e Oi!.

O que me motivou a escrever este trabalho foi quando um amigo muito querido esteve com problemas e eu fui conversar com uma galera de um squat anarcopunk próximo pra saber se ele poderia dar um tempo lá. O pedido foi negado só por ele ser "street punk", e logo veio toda uma inquisição, que por ser street já pensavam que ele era machista, homofóbico, nacionalista, e sei lá mais o que, porque o "pdf da verdade" dizia que todo street e tudo ligado ao skinhead e Oi! era fascista. Só que ao contrário disso, o cara que eu conheci nas minhas andanças e ativismos anarquistas da adolescência sempre foi um ativista libertário, atuante e apoiador de diversos movimentos, incluindo o MPL, Marcha das Vadias, Bicletada, era anarquista, vegano, antifascista, e um dos caras com mais atitude que já conheci, mas como era "street" foi julgado como fascista por quem foi alienado pelos materiais sectaristas.

A idéia original era lançar um material focado na cena nacional, com diversas entrevistas, mas isso acabou virando palco pra muitas tretas, que, afinal, eram muitos grupos que não se bicavam, e sim, muita pilantragem também, e eu acabei abandonando essa idéia, que julguei pouco produtiva, e resolvi focar na história das cenas, já que isso era algo extremamente deturpado por todos os lados.

Sobre a cena nacional, acredito que não tenha como se falar sobre isso atualmente, mas sim sobre as individualidades de cada lugar... por isso não tiro alguns lugares onde a cena punk é fortemente sectária, posto as atitudes dos indivíduos que se identificam como Oi! e skinheads.

Agora, em Novembro de 2016, estava dando uma ajuda para o amigo Vitor Santana, que está escrevendo um TCC sobre o mesmo tema, e acabei dando uma relida em algumas coisas e resolvi lançar uma atualização disso aqui, reescrevendo alguns trechos que achei que ficaram confusos e também acrescentando novas informações, aproveitando também pra lançar junto um outro material que escrevi em 2015, chamado "Carecas do Brasil: Quem realmente foi doutrinado?", com apoio do grande Skinner, da Acracia Editora. Quem se interessar procure aí pela editora online. Editora independente, libertária, DIY, honesta, fortalecendo aí a luta trazendo ótimos materiais.

Vou tentar ser menos agressivo e provocativo nessa reedição, na época a revolta da situação ainda estava à flor da pele, apesar de ainda não ter diminuído, no entanto parece que só desmentir uma narrativa falaciosa espalhada já é provocação o suficiente pra ser banido de alguns lugares.

Sem mais delongas, segue os dois materiais que, de novo, prometo que irão desagradar a gregos e troianos.

- **Espírito de 69?**

Não tem como tentar entender o fenômeno skinhead sem entender o fenômeno da identidade jovem como um todo.

Sem querer entrar em questões históricas e sociológicas, os cultos jovens passam a existir basicamente a partir da década de 50. Antes já haviam alguns movimentos alternativos, mas eram muito mais criativos do que reativos. Estes movimentos em geral estavam no âmbito das artes e posteriormente explodiu a geração beat (ou "beatnik"), que teve grande formação acadêmica e filosófica, levantando questões sociais e existenciais mas que não abordavam os anseios e preocupações da juventude filha da classe trabalhadora e sem formação superior. Dos primeiros cultos jovens o único que de fato teve uma formação politizada foi o hippie, tendo grande influência de acadêmicos, artistas e principalmente de remanescentes da geração beat, que agregaram à filosofia e estilo de vida do culto. Mas nem todos os cultos jovens tiveram esse respaldo acadêmico e filosófico, na verdade eles eram basicamente movimentos reativos ao que enxergavam como autoridade, que em primeira instância se tratavam da família e da escola.

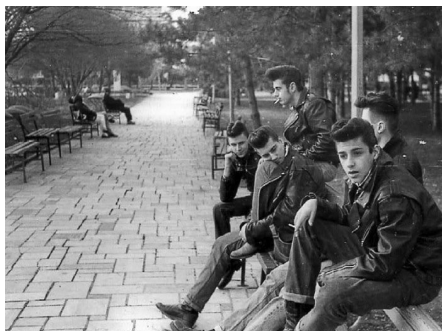
Os anos 60 foram o período de maior efervescência destes movimentos, e todos eram sobre autoafirmação e afirmação do seu grupo sobre os outros. Eles eram os teddy boys, os rockers (ou greasers), os bikers e os mods.

A briga entre os grupos eram comuns, não havia real motivo para elas além da autoafirmação, e um paralelo de violência também pode ser feito para comparar às brigas que aconteciam entre punks e headbangers nos anos 80, assim também como a rivalidade, menos conhecida, mas também real, entre punks e breakers (que pode ser conferida na música "Eu não sou break" do Grinders, gravada numa demo em '84). Além das brigas entre os grupos, todos tinham uma rivalidade com o pacífico grupo dos hippies, no que aí tangia também uma questão de classe.

Os teddies, rockers, bikers e mods vinham todos da classe trabalhadora enquanto a cena hippie era majoritariamente de classe média. Era uma cena com maior educação e instrução, tanto que sua revolta não se limitava simplesmente a autoridade da



Teddy boys



Greasers



Bikers



Mods

família, mas também à sociedade, a religião e ao governo. No entanto as características de seu culto não condiziam com as daqueles que tinham que trabalhar e complementar a renda de suas famílias, por isso os cultos da classe trabalhadora enxergavam os hippies como "garotos mimados".

A violência contra os grupos de hippies que ficou famosa pelos skinheads é bem mais velha que os próprios e não parou com eles, a cena punk também teve suas rivalidades com os hippies tanto por motivos de classe quanto por afirmação (um exemplo é a música "Ri dos hippies" do Inocentes gravada primeiramente numa demo em '81 e posteriormente no bootleg do Grito Suburbano).

Quando se fala de cultos jovens da classe trabalhadora dos anos 60 se fala de garotos e garotas com uma média de idade entre 14 e 15 anos, a idade em que deixavam a escola.

Sem nenhuma formação filosófica/moral a não ser a que foi passada pelos pais e a sociedade, influenciadas principalmente pela religião, não havia como tais cultos não

refletirem os mesmos valores e morais comuns da época, entre eles o machismo, racismo, homofobia e xenofobia, todos muito fortes e presentes em todos os grupos - mesmo que eles não sejam lembrados por isso.

Em 1958 os teddy boys protagonizaram uma semana de ataques à residências de famílias negras em Notting Hills, e nos anos 60 os bikers passaram a adotar suásticas e símbolos nazistas. Nessa mesma época somente um grupo da classe trabalhadora promovia algum tipo de integração racial, e era aquele formado pela fusão dos mods dos bairros operários ao culto jovem trazido pelos imigrantes jamaicanos, rude-boys, os skinheads.



Rude-boys e hard-mods, os primeiros skinheads

Nas palavras de George Marshall: "[teddy boys] durante seu reinado eram vistos como violentos e racistas ... mas, hoje são vistos como rock n' rollers nostálgicos. Nos anos 60 foram os bikers que adotaram a suástica ... mas eles são sempre lembrados como amáveis foras da lei buscando liberdade pelas estradas."

Agora entrando na cena skinhead é importantíssimo falar sobre George Marshall. Quem é ele?

Pra deixar em termos simples: É um babaca.

Em toda cena cultural tu vai encontrar indivíduos altamente comprometidos com a produção artística e cultural mas também aqueles que acabam parasitando pra usufruir de um visual, status, usar drogas, causar violência, etc etc, isso é invariável. Não acho que Marshall seja esse cara, posto que seu conhecimento da parte cultural é muito alto pra um simples parasita, mas indiferente a isso, é esse cara que ele idolatra.

Marshall escreveu o livro "Espírito de '69: A bíblia skinhead" em '91, infelizmente o mais importante livro sobre skins.

Praticamente metade do livro é um catalogo de moda, isso que é importante para Marshall, o visual, outra parte se trata da glorificação da violência. Surpreendentemente há no meio disso material histórico e entrevistas muito boas, mas se perdem frente aos outros temas - e acho tragicômico que defensores/apoiadores da cena skin por vezes citem esse livro pra confrontar os materiais sectários quando ele na verdade corrobora com tudo que os sectários dizem.

Ele narra uma cena extremamente violenta, cheia de brigas, o que não é mentira, mas sua narração não bate quando comparada à narração das pessoas envolvidas na produção artística, como em entrevistas do Lauren Aitken ou Judge Dread... pra tentar fazer uma comparação: Imagine o Redson (Cólera) contando como é a cena punk brasileira... tu vai saber sobre artistas, iniciativas, ideias, etc etc, não é mesmo? Agora tente imaginar um membro da Desordem punk contando sobre a cena punk? O que ele vai falar? Pois é, vai falar de treta e visual como o Marshall majoritariamente faz.

Falando um pouco mais sobre ele antes de voltar a falar sobre skins: Ele prega um eterno apoliticismo que não condiz com a evolução dos cultos jovens, ele deixa claro que não está nem aí de andar junto a nazistas desde que eles estejam no visual certo, já que isso é o mais importante pra ele.

Em seu segundo livro, Skinhead Nation ('96), ele passa páginas discorrendo sobre como é injusto você achar cds do Public Enemy falando sobre black power nas lojas mas não do Skrewdriver falando sobre white power, ou como eles deveriam dar espaço pras bandas nazistas já que dão pra "assassinos de policiais" (falando sobre gangsta rap) e "pedófilos" (falando sobre o Michael Jackson). Eu posso dizer que ele cita uma vez a existência de skins anarquistas, mas não os dá voz, e clamando apoliticismo ele entrevista e dá voz a diversos nazistas, bem como ele faz questão de falar diversas vezes que a SHARP "perdeu seu foco" por ficar muito "politizada" - e também faz questão de dar voz a skins que repitam o mesmo.

Marshall entende que ser anti-racista é uma postura extrema, tão extrema quanto

ser racista, e que os skins devem ser "não-racistas" e não se importar com racismo e colar de boa com os racistas... esse é o Marshall pra você.

Bom, eu disse que os skinheads promoviam "algum tipo de integração racial", mas ela não era tão ampla. Como frutos de sua sociedade, os skinheads, assim como todos os outros cultos jovens, não estavam isentos de machismo, racismo, homofobia e xenofobia. Ai entra o tão famoso paki-bashing.

Marshall diz que tal prática ficou famosa por uma gangue de Bethnal Green, Collinwood, formada em '68, essa mesma gangue é objeto de pesquisa do livro Paint House lançado em '72 por Susan Daniel e Pete McGuire. Posteriormente o paki-bashing se espalhou mais por causa de um documentário da BBC em '69.

O livro Paint House é realmente interessante pois traz uma análise acadêmica dos garotos da Collinwood, todos filhos da classe proletária com problemas na família e na escola, sem perspectiva de futuro a não ser morrer trabalhando numa mina ou num cais. Foi então que eles se juntaram numa gangue e entraram na onda skinhead, no entanto eles nunca de fato ligaram pra cena skin, estavam mais pelo visual, status e violência. Nem ao menos gostavam de reggae.

Eles também clamam que os "pakis" já eram atacados antes dos skins surgirem, e que os atos da gangue só davam continuidade ao que aprenderam com seus pais e avós. A xenofobia e violência eram, aparentemente, uma característica cultural do East End.

Outras gangues skinheads também passaram a praticar o paki-bashing. O documentário "O que é verdade sobre os Hells Angels e os skinheads?" lançado pela BBC em '69 entrevista um grupo e eles claramente não sabem o porque não gostam dos "pakis", mas não se acham racistas já que gostam de negros.

Na verdade ai não dá pra saber mais se é uma xenofobia enraizada ou se virou uma moda mesmo e eles estavam só repetindo feito papagaios o paki-bashing, assim como hoje se repete que "a política estraga a cena skinhead" quando na verdade a falta de postura política em combater o nazismo que se infiltrava fez um estrago muito maior que qualquer outra coisa poderia fazer... enfim, curiosamente o documentário, que trata também sobre a gangue biker Hells Angels - que usava toda uma simbologia e ideário nazista -, acaba concluindo que, apesar da violência que acontecia por causa das gangues, elas mais falavam sobre bater nos outros do que realmente batiam nos outros, afinal, eram um bando de moleques.

E aí entra a questão que disse antes do discurso do Marshall não bater muito com o dos que estavam envolvidos na produção artística da cena. Eles relatam brigas mas não uma violência generalizada e glorificada como o Marshall faz.

No livro Espírito de '69 há um recorte de jornal falando sobre uma suposta "Grande Guerra do Reggae" quando muitos artistas pop começaram a se focar mais em temas ligados à cultura negra e ao rastafári, no entanto não encontrei respaldo disso em nenhum outro lugar, na verdade parece que pegaram um fato isolado e o transformaram numa grande coisa pra criar um factóide para um jornal sensacionalista, como se o Bob Marley trazendo a onda do rastafari

mudasse qualquer coisa na vida dos artistas do reggae, ska e rocksteady comprometidos com a cena skinhead e rude-boy.

E ainda sobre o paki-bashing, o próprio Marshall, que adorava uma violência, afirma que nem todos os skins apoiavam isso. De fato, em uma entrevista de Gaz Mayall, skinhead da primeira geração e hoje o maior colecionador de música jamaicana do mundo e também dono de um clube dedicado totalmente a esse estilo, diz que ficou chocado a primeira vez que viu um skin batendo em um paquistanês, e a primeira coisa que fez foi passar a boicotar quem fazia isso.

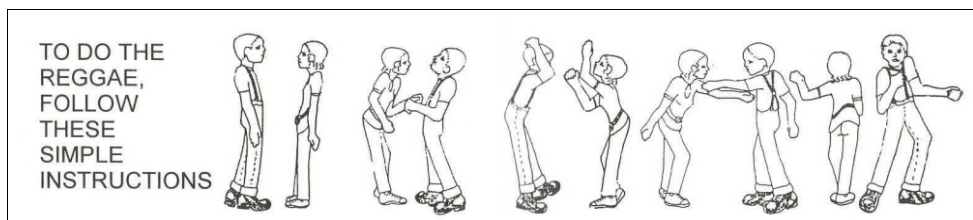
Diversos clamam haver alguma inclinação política na cena skinhead nessa época, tanto para a direita quanto para a esquerda, mas tal afirmação para ambos é absurda. O culto skinhead partilhava todos os vícios e virtudes dos outros cultos que dividam as ruas, no que um tinha a mais em racismo o outro tinha a mais em violência, no que um tinha a mais em machismo o outro tinha a mais xenofobia, e todos de alguma maneira atacaram a sociedade como um todo numa rebelião adolescente em busca por identidade.

Agora, o que é o Espírito de 69 clamado por tantos skins?

Se trata não de reviver os vícios daquela cena, e sim o que de fato a construiu, que foi sua música e sua estética. Por exemplo, o que sobreviveu da nossa cena punk dos anos 80, foram as gangues e a violência ou foi a arte, ideais e estética criadas?

Os trad skins, que clamam o "Espírito de 69" são isso, um grupo voltado para um estilo musical e sua estética, e eu sinceramente não consigo ver tanta diferença deste pra outros grupos despolitizados como headbangers, grunges, hipsters, emos, etc.

Difícilmente você encontrará notícia de violência promovida por estes grupos, já que são voltados puramente para a arte e visual. E para aqueles que querem entrar na cena skinhead pela estética, espalhada principalmente pela mídia, de violência e preconceito, há sempre os grupos de extrema direita para integrar... agora sobre haver ou não skins de extrema direita misturados entre os trads ou mesmo se dizendo trads já é outra história, e o fato da maioria dos trads seguirem os dogmas pregados por Marshall e Garry Johnson (de quem ainda irei falar sobre), de que tomar uma postura política combativa prejudica a cena como um todo, reforçando assim a passividade e fortalecendo o fascismo, acaba fazendo mais mal do que bem.



- **Um peso e duas medidas**

Primeiro uma crítica à glorificação do "espírito de 69" bem como a crença de alguma politização na época, mas agora vai uma crítica principal à crítica sectária.

Primeiramente nesse material sectário são citadas muitas fontes interessantes, mas eu me pergunto se de fato elas foram lidas ou então só se extraiu os trechos convenientes e se omitiu os outros... eu não sei, mas a verdade é que o fenômeno skinhead não foi único como culto jovem e nem nada que aconteceu nele foi.

Praticamente tudo que você pode observar nele você também observa facilmente nos outros grupos em maior ou menor escala, especialmente porque nenhum indivíduo está imune a ser um resultado de seu próprio meio, principalmente quando esse indivíduo vem da classe trabalhadora e não tem acesso a uma maior educação.

Além da já citada, porém relevada pelos críticos, violência e preconceito existentes nas cenas teddy e biker, os rockers (ou greasers) também deram cria a diversas gangues racistas ao redor do mundo, como os Rebels que foram combatidos pelos Black Panthers nos anos 70.

Letras machistas, homofóbicas e xenofóbicas bem como atitudes dessas são facilmente encontradas dentro da própria cena punk, mas a comparação que eu acho mais interessante mesmo seria com a cena do hip-hop.

Você pode facilmente apontar letras sobre brigas e violência nas bandas Oi!, todas vão responder que não estão as incitando, e sim que estão contando a realidade que vivem, mas não é a mesma coisa quando bandas de rap cantam sobre violência e crimes? Não estão mostrando apenas a realidade que vivem?

Na verdade a cena do rap e a cena Oi! são muito similares, mas a do rap se tornou ainda mais extrema, talvez por ter se desenvolvido no Estados Unidos que é um lugar muito mais violento. Marshall se diz chocado ao descobrir que quando a cena nazi skin chega no EUA rolaram assassinatos, porque em 20 anos na cena skinhead na Inglaterra brigando nas ruas era raro o caso de alguém de fato morrer, e quando acontecia era por acidente. Ele até pergunta se houvesse um placar eletrônico na Times Square mostrando o número de armas vendidas no país e o número de assassinatos, será que as pessoas conseguiram fazer uma conexão?



Integrantes da MS-13 (Mara Salvatrucha)

Voltando ao hip-hop, ele também cresceu em meio às gangues e brigas territoriais, alcançou níveis de violência que a cena skinhead nunca chegou perto. Ainda hoje tem gangues gigantes no crime organizado, como as famosas Crips, Bloods e MS-13. A violência das gangues chegou a ser tão grande que até mesmo os principais artistas da cena foram vítimas, como o famoso caso do 2Pac e Notorius B.I.G.. Isso sim é algo único em um culto jovem.

Além da violência extrema que envolveu e ainda envolve essa cena, o machismo e homofobia também se fazem presentes, e infelizmente é combatido por uma minoria, pois mesmo entre os grupos que fogem ao gangsta e procuram uma mensagem mais positiva, muitos ainda acabam por serem "resultados do seu próprio meio".

Voltando ao punk, ao contrário do que algum sectário possa imaginar, a cena punk não surgiu com o Crass, e sim com o Ramones, que pregava, entre outras coisas, a alienação ("I don't care about history"), machismo ("I just wanna get some chicks"), violência ("beat on the brat with the baseball bat"), abuso de drogas ("I wanna be sedated"), e na verdade há denúncias sobre o racismo e homofobia do Johnny Ramone, inclusive ele era assumidamente de direita, tendo até uma foto dele famosa com uma camiseta escrita "Mate um comunista para a mamãe" (imagem ao lado), e em seu agradecimento no Hall da Fama do Rock and Roll em 2002 disse: "Deus abençoe a América e Deus abençoe o presidente Bush".



O preconceito na cena punk pode ser traçado até o seu ninho. Niko da Velvet Underground era extremamente racista e anti-semita. Membros do New York Dolls posteriormente formaram a banda Corpse Grinders que era abertamente racista. Dead Boys, Sid Vicious e outros punks poderiam estar tendo uma atitude rebelde ao usarem suásticas, mas será que Siouxsie & The Banshees estava brincando quando lançou a frase "tem judeus de mais para o meu gosto"?

Em '77 já havia uma banda punk canadense chamada The Viletones, com o vocalista apelidado Nazi Dog, e lançando sons como "Swastika Girl", "Heinrich Himmler", "Auschwitz Jerk". Em '78 o National Front inglês faz sua primeira incursão nos grupos jovens e organiza o Punk Front em Leeds, uma organização punk nazista composta pelas bandas The Dentists, The Ventz, Homicide, The Raw Boys, White Boss, Crap e Tragic Minds, e em '79 organizaram os primeiros shows RAC (Rock Contra o Comunismo, que mais tarde voltarei a falar sobre). É destacado que o Punk Front só foi possível porque muitos punks já se identificavam com a ideologia e usavam esse nome em um zine, o Nationl Front só passou a patrociná-los, mas mesmo o Punk Front não tendo ido longe, ainda surgiram bandas punks racistas como as inglesas Ovaltines ainda em '79 e ABH em '81 e as alemãs Böhse Onkelz e Brutal Verschimmelt em '80.

O livro "Punk rock: So what? The cultural legacy of punk" de Roger Sabin ('99) tem mais de 10 páginas só pra citar casos de preconceito dentro da cena punk.

Bom, posto que tudo isso veio antes mesmo da primeira banda nazi skin, Skrewdriver, que só surgiu em '82, e que ainda essa banda era na verdade uma banda punk e só se reformulou pra atrair o novo público alvo, será que não devíamos mesmo era boicotar o punk?



Reforçando: A intenção desse tópico é mostrar que tudo aquilo que o material sectário aponta na formação da cena skinhead e Oi! pode ser facilmente apontado na formação de qualquer outro culto jovem, e que ocultar isso é alienante como também usar disso pra julgar só a formação dessas cenas é hipocrisia - bem como focar-se unicamente na ação de grupos específicos, que muitas vezes só tinham em comum com o culto a adoração pelo visual, como o caso da gangue Collinwood e Tilbury (sobre a qual ainda falarei), e ignorar o resto da cena se torna manipulação. Se eu escrevesse um texto falando sobre grupos como Devastação, Desordem ou mesmo o Punk Front e resumisse toda a cena punk a atuação deles, não estaria eu manipulando os fatos também?

Sobre as cenas, em termos de preconceito fica difícil julgar, já que isso, como característica da sociedade, é imbuído em todos os jovens. Como eu citei no tópico anterior, a única cena que realmente surgiu politizada foi a hippie, mas ao contrário das demais, ela não surgiu especificamente das classes baixas e "ignorantes".

Em termos de violência a cena do hip-hop foi a um patamar que a skinhead nunca chegou perto, e quanto ao nazismo, mesmo com grupos rockers e bikers tendo o adotado primeiro, sociólogos apontam que uso de tais símbolos eram mais uma afronta aos pais - que lutaram contra o nazismo na Segunda Guerra ou perderam seus pais nela - do que realmente uma adoção dos valores políticos nazistas. Nesse ponto temos que admitir que, vergonhosamente, a cena punk foi o primeiro culto jovem a de fato adotar o nazismo como política, pela formação do Punk Front e o Rock Against Communism - sobre a violência na cena punk, já dizia o Restos de Nada: "Cuidado se você estiver só e encontrar com um de nós".

- **O surgimento do Oi!**



Sham 69

Pra se falar de Oi! é obrigatório falar de Garry Bushell, o cara que deu o nome à cena que estava se formando.

Bom, eu não o considero o nome mais importante para o Oi! mas quero falar especificamente dele aqui porque vejo material circulando falando que ele era membro do National Front ou tinha alguma ligação com eles e a extrema direita, e isso é uma mentira deslavada.

Não é preciso muita pesquisa nem ler suas publicação pra descobrir que ele na verdade era socialista. Começou escrevendo para o jornal Socialist Worker, onde ele ainda chegou a escrever um pouco sobre skins, e também para algumas revistas e fanzines de música falando sobre cena punk, inclusive no seu próprio fanzine chamado Napalm. Posteriormente passa a escrever pra revista Sounds ao lado de alguns nomes famosos como o Alan Moore (V de Vingança, Watchmen). Nessa revista ele começa a abordar também a cena skin que renascia com o que ele chamou de Oi!, o 2tone e o NWOBHM (New Wave of British Heavy Metal, cena onde surgiram bandas como o Iron Maiden e Judas Priest).

Ainda em '76, mais precisamente 18 de Dezembro, ele escreve na Socialist Worker sobre punk o texto "Sex Pistols: Whose fingers on the trigger?" e diz que "a esquerda tem a responsabilidade de direcionar essa revolta num verdadeiro movimento revolucionário". Sobre ele poder ter alguma relação com a extrema direita ou dar apoio, Bushell se negava a escrever sobre as bandas de direita que haviam surgido posteriormente bem como as bandas que as apoiavam. A revista Bulldog, patrocinada pelo National Front, o colocou como o maior inimigo da NF.

Cartazes do RAC levavam mensagens como "Essa gig não será divulgada nas publicações musicais porque a Sounds e Garry Bushell não concordam com patriotismo e democracia" e "Batam no Bushell! Espalhem a palavra!" - e de fato ele foi atacado por um grupo de nazistas após sair de um show do Angelic Upstarts em '82.

Em tempo, Bushell já havia deixado o partido socialista que fazia parte, o SWP, em '80, em '86 ele passa a fazer duras críticas por acreditar que o partido havia se corrompido e se distanciado das classe trabalhadoras, e recentemente, no final de 2011, ele entrou para o UKIP, um partido conservador de direita que é contra os imigrantes, contra a taxa dos ricos, contra o casamento igualitário e outras merdas... mas isso é praticamente 30 anos após ele ter se distanciado da cena Oi!, e não tem como julgá-lo na época, muito menos a cena, pelo o que ele se tornou hoje.

Voltando ao Oi!, bandas como Cocksparrer, Menace, Slaughter and The Dogs e UK Subs são considerados os seus precursores, porque Oi! não se trata de skinheads e sim sobre o "street punk".

O Sex Pistols, responsável pela explosão do punk na Inglaterra, era empresariado por um cara muito esperto que soube aproveitar comercialmente muito bem a cena, ele, Malcolm McLaren, ainda junto a sua esposa, Vivienne Westwood, tinham também uma grife de roupas punks chamada Sex. Outras bandas que logo ficaram grandes e famosas, como The Clash e Buzzcocks, eram mais fáceis de serem vistas na TV do que nos clubes onde iniciaram. Ainda por cima a cena punk virou um fetiche intelectual e artístico da classe média, começaram a surgir bandas mais pops e experimentais que deram origem ao New Wave, e aqueles que foram o motor pra cena punk e lotavam as casas de shows começaram a se sentir abandonados. Foi aí que se fortalece a cena punk de rua, ou "street punk".

Agora vem o nome que acho o mais importante pra cena Oi!. Jimmy Pursey.

Pursey era skinhead da primeira geração de skins, e inspirado pela cena punk ele quis trazer de volta a cena em que ele cresceu, e assim formou a banda Sham 69, a primeira banda de fato de punks e skins, e a responsável pelo revival da cena skin e creditada como a primeira banda Oi!.

Em um material sectário há uma foto de uma manifestação punk em '78 contra a homofobia, e ali perguntam o que os skins estavam fazendo nessa época (e em baixo colocam uma foto, que muito provavelmente é de '82 pra frente, com uns nazistas fazendo "sieg heil"), bom quero aproveitar esse espaço pra falar o que eles estavam fazendo precisamente em '78:

Em '76 inicia-se o RAR, Rock Against Racism, uma resposta a declarações racistas de artistas como David Bowie e Eric Clapton e também ao crescimento do National Front. Exatamente em '78 aconteceu o maior evento do RAR que foi o Carnival Against The Nazis em 30 de Abril no Victoria Park. no qual Jimmy Pursey participou junto ao The Clash e a Tom Robinson - Tom Robison, pra quem não sabe, era um músico e ativista gay que cantava sobre ser feliz por ser gay para toda a multidão que estava no festival (é possível até que a tal foto de '78

dos punks contra a homofobia fosse nesse mesmo evento).

Em 2010 Alan Miles lançou um documentário sobre o movimento, chamado "Who shot the sheriff?", no qual inclusive consta entrevista de Jimmy Pursey, que foi grande apoiador. Nas fotos e vídeos das manifestações pode-se observar milhares de negros, indianos e paquistaneses, porque um dos pontos do RAR era a defesa dos imigrantes, mas também é possível ver alguns ativistas gays carregando cartazes contra a homofobia. Quem acabou por encabeçar os festivais foram as bandas 2tone, skinheads revivalistas de '69, como The Special. The Beat e The Selecters - e que também tem destaque no documentário.

Fora isso, em Julho de '78 teve uma entrevista na revista Sounds com o grupo chamado Skins Against Nazis. Posto que estes eram os grupos skinheads da época, está aí a resposta de onde estavam os skinheads em '78 - a propósito, esse foi o mesmo que se organizou o Punk Front, então seria mais fácil encontrar punks fazendo o sieg heil.

Nos anos que o RAR ainda estava ativo outras bandas de/com skins chegaram a tocar nos eventos, como Angelic Upstarts, Crux, Criminal Class, Blitz e Infa-Riot.



The Clash e Jimmy Pursey, Victoria Park 1978

Pursey era um cara extremamente politizado, e além disso ele ainda era contra a violência. O fato de um cara desse ter vindo da primeira geração de skinheads também me faz questionar a maneira como Marshall narra a cena.

Mas a cena street punk/Oi! seguiu caminhos adversos, muitas brigas territoriais (similares as que ocorriam entre todos os cultos jovens nos anos 60) e muitas também motivadas por futebol. Bushell diz que para aqueles garotos, filhos da classe trabalhadora alienada pela televisão, seus heróis não eram líderes sindicais, e sim jogadores de futebol e boxeadores.

Sham 69 chamou seu último concerto para '79, por ser a maior banda da cena o show lotou e por diversas vezes aconteceram brigas. Num último momento de revolta, Pursey voou ao microfone e disse: "Eu amei vocês, porra! Eu fiz tudo por

vocês! E tudo que vocês quiseram fazer foi brigar!"

Logo após o término do Sham 69, Pursey e outro membro, Dave Treganna, juntam-se aos remanescentes do Sex Pistols, Steve Jones e Paul Cook, e formam a banda Sham Pistols, já com uma proposta mais artística que ruela. A primeira frase da primeira música do disco deles diz "Eu tentei andar com os sábios, mas me perdi com os tolos"... será uma referência do motivo para o Sham 69 acabar?

Pursey passou a ser visto como traidor por alguns, mesmo que sempre respeitado por ter começado tudo.

A banda Last Resort fez uma música falando "Eu desejo que todos os dias fossem finais de semana, mas Jimmy Pursey não encontrou seu caminho, ele gostava de beber mas não gostava de brigar, ele não fez sua lição de casa direito". No livro "Skinhead" de Nick Knight ('82), Roy, guitarrista do Last Resort, diz: "Oi! começou depois que o Sham ficou famoso, mas de repente eles não queriam mais saber dos skins, e fomos nós que colocamos eles lá em primeiro lugar, a 'Sham Army'".

Porém, antes do Sham 69 acabar, Jimmy Pursey lançou as duas bandas que continuaram a cena Oi!, o Angelic Upstarts em '77 e o Cockney Rejects em '78, e aqui eu vejo que cada um deu início a uma corrente diferente dentro da própria cena e que precisam ser analisadas separadamente. O Angelic Upstarts politizada e o Cockney Rejects rueiro.

Apesar do Upstarts terem vindo antes, quero falar do Rejects primeiro, até porque o nome Oi! vem da música "Oi! Oi! Oi!" deles e a mania de substituírem o clássico "one, two, three, four" do começo das músicas punks pelo "Oi! Oi! Oi!".

Como eu disse anteriormente, um dos motivos do RAR ter surgido foi o avanço do National Front, em '76 eles haviam obtido quase 20% dos votos, e o RAR junto a outros grupos como o Anti-Nazi League foram os responsáveis pela queda do NF - como admitido por Martin Webster, um dos líderes do partido, em uma entrevista cerca de 20 anos depois. Além do National Front ainda existia o British Movement, outra organização de extrema direita popular, ou seja, grande parte da população estava alinhada à extrema direita, o que significa que muitos jovens envolvidos nas contraculturas também estavam - vide o Punk Front.

As brigas que aconteciam nos eventos do Sham 69 eram também por causa dos nazistas, quando eles começaram a aparecer o Jimmy Pursey tomou atitude, inclusive no festival de '78 em Victoria Park ele discursou: "Não podemos ser complacentes e relaxar na luta [contra a extrema direita]", o que, claro, não agradou nada aos fãs da banda ligados à direita.

Cockney Rejects, apesar de ser apolítica e pregar o distanciamento da cena com



a política, tomou uma postura mais contundente quanto a direita em seus shows. Em sua primeira entrevista na Sounds, falando sobre o British Movement, que membros haviam atacado um skinhead negro em Bacontree, Stinky, o vocalista, disse: "Nós podemos cuidar deles, se qualquer um quiser ir aos nossos shows fazer bagunça, então nós teremos bagunça. Pursey não pode fazer isso. Nós não iremos aguentar essa besteira"... e sabe o que aconteceu? A extrema direita foi procurar a bagunça.

Antes, preciso citar que tanto Marshall quanto Bushell dizem que os partidos de direita procuravam recrutar os jovens (lembrando novamente que quando falamos desses cultos jovens falamos de pessoas com uma média de idade de 15 anos), mas quando eles já tinham idade para votar a maioria já tinha percebido a merda e se afastado dos partidos. Gary Hodges e Garry Hitchcock, ambos membros da banda 4skins, que foi influenciada pelo Cockney Rejects, foram membros do British Movement quando mais jovens, mas quando a galera do British Movement e National Front foram cobrar os Rejects em uma gig no Electric Ballroom, Barking, em '79, foram eles junto aos irmãos Stinky e Mick do Rejects (ambos conhecidos boxeadores) que botaram todo o grupo da direita pra correr e os espantou de praticamente todas as gigs.

Infelizmente as bandas que seguiram a linha do Cockney Rejects não tinham tanta atitude, e um dos expoentes dessa linha foi o poeta Garry Johnson, um nome também importante quando se fala de Oi!.

Johnson participou lendo seu poemas em algumas das primeiras coletâneas Oi!, ele também teve alguns textos publicados na Sounds, mas sua importância se dá pelo livro "Oi! A view from the dead end street" publicado em '81, o primeiro livro sobre a cena escrito de fato por alguém da cena.

O livro é muito bom, traz muitas fotografias da época, fala bastante sobre bandas, e tem os textos do Johnson. Ele é um romântico, gosta de falar de finais de semana e feriados perfeitos em que encontra com os amigos e passa o dia bebendo, dando risada, paquerando, etc, e na visão dele é isso que a cena Oi! deveria ser.

Ele também escreve críticas sociais e tem grande consciência de classe, na verdade é engraçado como grande parte da cena skinhead sempre teve uma forte consciência de classe, até mesmo aquela gangue Collinwood que citei anteriormente, famosa pelo paki-bashing, dizia apoiar os sindicatos pois eles lutavam pelos trabalhadores. Outras gangues apolíticas como o Spy Kids e Globetrotters (sobre os quais ainda falarei sobre) também defendiam as causas trabalhistas e diziam votar sempre pelos partidos de esquerda. Dessa linha "rueira" e despolitizada ainda é possível encontrar várias músicas sobre questões de classe sociais, como por exemplo as músicas "Hate of the city" do próprio Rejects, "National insurance blacklist", "Sabotage the hunt", "Work or riot" e "Product" do The Business, "Norman" e "Seems to me" do 4skins, e também o poema "Lands of hope and glory" do Garry Johnson. No entanto, toda essa consciência de classe se tornava nula frente ao orgulho da alienação política.

De maneira geral, essa corrente via política como algo estritamente relacionado a partidos políticos, por isso se colocavam contra o pensamento político. Nas palavras de Johnson em '83: "Se fosse pra eu votar, eu votaria nos trabalhistas porque isso é uma tradição e é isso que eles defendiam quando se formaram, poder para as pessoas, defesa dos pobres e tudo mais. Mas eles não são mais isso, eles não são da classe trabalhadora, eles são o clube social da classe média. Eu sou um militante no coração, eu gosto de suas políticas, como a abolição da Casa dos Lordes e a monarquia, mas eu não gosto de seus líderes. Eles não são da classe trabalhadora, são? Eles podem estar em Liverpool mas não em Londres".

A esquerda política, partidária ou não, era vista como lugar unicamente de sociólogos, estudiosos e acadêmicos de classe média que queriam falar pela classe trabalhadora mas não faziam parte dela. Partindo desse dogma eles não tinham interesse em se envolver em qualquer causa que realmente lutava pela classe que eles diziam ter orgulho de fazer parte e defender. Como Bushell disse, seus heróis não eram líderes sindicais, e sim jogadores de futebol e boxeadores. Como resultado disso, bandas como The Business e 4skins se negaram a tocar nos eventos do RAR, pois ele era de esquerda e a Anti-Nazi League que também participava era financiada pelo SWP.

Em seu livro, Johnson escreveu "Eu sei que armas nucleares são erradas, mas eu não tenho que usar um crachá da C.N.D. [Campanha do Desarmamento Nuclear] pra provar isso, ou do RAR pra provar que eu sou contra o racismo".

No final o do The Business junto ao Johnson fizeram a música "Suburban rebels" que tira sarro do RAR e a esquerda. Posteriormente o Business montou a turnê "Oi contra o racismo e o extremismo político. Mas ainda assim contra o sistema" com apoio das bandas Infa-Riot, Blitz e Partisans.

Na mesma linha do "Suburban rebels", o Cockney Rejects fez também a música "On the waterfront" e o Cocksparrer a "Watch your back", essa segunda chega a comparar a destruição do Estado com a "Solução final" (de Hitler), é claramente um som anti-direita e anti-esquerda, diz que ambos querem chegar ao poder subindo nas costas da classe trabalhadora (novamente vendo pensamentos políticos só como partidos políticos) e no final, eles dizem que só querem continuar vivendo suas vidas. "Watch your back" pra mim é uma síntese da corrente rueira do Oi!, que mesmo identificando os problemas e tendo consciência de que fazem parte de uma classe que está sendo explorada eles não querem fazer muito para mudar isso, preferem se divertir.

Em tempo, nem todas essas bandas que formaram a corrente rueira do Oi! ficaram sempre longe da extrema direita. Em entrevista para o livro "Skinhead: Os mitos ordenadores do Poder Branco paulista", de Alexandre Almeida (2004), Chris Skepis, ex-membro do Cocksparrer, revela que eles e o Last Resort chegaram a tocar em eventos patrocinados pelo National Front, no entanto quando foram pedidos pra levantarem a bandeira do NF ambas pularam fora - e aí que surge o Skrewdriver como garotos propaganda.

Posteriormente o Last Resort escreveu a música "We rule OK" que é uma forte crítica às políticas de direita, bem como o Cocksparrer escreveu as músicas "Run

with the blind" e "Price too high to pay" que criticam diretamente o NF.

Por fim, Johnson resumiu o que era o Oi! na seguinte frase: "Dar uma risada e ter uma voz"

Bom, a definição do Johnson fala somente por ele, e não por toda a cena. Bushell, por exemplo, define o Oi! na Sounds em '81 como: "Anti-pose, anti-privilégios e solidamente pró-classe trabalhadora. Uma reafirmação dos valores punks, divorciados das escolas de arte e a influência da indústria musical e suas maquinações que neutralizaram o original espírito de revolta punk.", já no encarte "Oi! The Album" de '80 ele descreve como "Um aviso adolescente para os políticos presunçosos e patrões gananciosos, que destruíram comunidades inteiras e jogaram uma geração toda no lixo."

Levando pra cena trad, o apoliticismo covarde de Marshall também não é unânime. Jerry Dammers, da banda The Specials, afirmou "Não é suficiente você ser anti-racista, você tem que ser positivamente anti-racista, você tem que se levantar contra isso, se não nada vai mudar".

Agora indo para a outra corrente, a do Angelic Upstarts.

A segunda banda Oi! da história, e pra mim a que de fato levou o legado do Sham adiante, os Upstarts tocaram em diversos eventos do RAR e passaram a receber ameaças de fascistas, até que um dia quebraram as vidraças da casa da mãe do Mensi, o vocalista, e fizeram ameaças por telefone. Foi aí que ele se encheu e pegou uma calibre 12 de cano curto e foi atrás deles dando o tiro no joelho de um. Ele ficou preso por um ano por causa disso e a história é contada na música "Shotgun solution" - Mensi nunca largou o ativismo antifascista, e recentemente foi preso em 3 de Setembro de 2013 após defender uma fotografia que foi atacada por membros do grupo nazi/fascista EDL (English Defence League).



Mensi sendo preso, 2013

Como disse antes, surgiram outras bandas politizadas que também participaram do RAR, como Crux ('78), Criminal Class ('79), Blitz ('80) e Infa-Riot ('80), mas elas não foram as únicas que se levantaram politicamente contra a extrema direita, surgiram também grupos de ação direta antifascista associadas a essas bandas bem como à cena Oi! de maneira geral, tais grupos culminaram na formação do Red Action em '81, e era basicamente formado por ativistas que desertaram ou foram expulsos do SWP. Além disso, ainda em '78' forma-se a Partisans, The Samples e Picture Frame Seduction, em '79 a Red Alert e Newtown Neurotics, em '80 forma-se a Red London e '81 a The Burial, Redskins

e Crash, em '82 a Violators e Sad Society, pra citar só as que tiveram músicas gravadas, e todas elas se puseram firmemente contra a crescente presença da extrema direita dentro da cena punk e skinhead.

Além do RAR, muitas dessas bandas participaram de eventos beneficentes para diversas outras causas, Marshall mesmo afirma "Ninguém tocou em mais gigs beneficentes que o Redskins, especialmente durante a greve dos mineradores".

Apesar de muitos grupos levarem o nome "vermelho" suas posturas não condiziam com o partidário comunista. Rico, conhecido como Blackskin, membro dos Redskins francês diz "Todos podiam se dizer comunistas, mas meus camaradas eram mais libertários que comunistas. Eram mais próximos dos situacionistas ou dos anarquistas que do Partido Comunista. Nós não eramos filiados ao Partido Comunista, para nós eles eram stalinistas, fascistas, então nós eramos mais libertários que comunistas". Além disso, bandas como Newtown Neurotics já proferiam o anarco-sindicalismo, e poetas libertários como Seething Wells e Atila The Stockbroker haviam também se juntado a cena Oi!.

Em '79 já haviam bandas skins anarquistas até fora da Inglaterra, como o caso do Nabat da Itália, e em '81 surge dois nomes muito importantes que consolidaram o antifascismo dentro da cena Oi!, primeiro a banda The Oppressed, que apesar de se dizer apolítica ela é radicalmente contra a direita e apoia os anarquistas e comunistas, e segundo a banda Oi Polloi, banda anarquista extremamente politizada - e grande maioria das bandas citadas aqui mantinham relações e participavam de eventos da cena paralela que surgia, a cena anarcopunk, que inclusive algumas bandas anarcopunks tinham alguns membros skinheads, como a The Sinyx e The Apostles, ambas formadas em '79.

Bom, citei diversas bandas skins ou "skunks", mas como disse antes, o Oi! não se trata sobre skins ou só sobre skins, e haviam também diversas outras bandas punk envolvidas em maior ou menor nível mas que poucas pessoas parecem saber, bandas como UK Subs, Vice Squad, GBH, Exploited, Vibrators, Stiff Little Fingers, 999, Anti-Nowhere League, Anti-Pasti, Discharge, Varukers, Chaos UK, Disorder, Adicts. Peter & The Test Tube Babies, Toy Dolls, Chron Gen, entre outras...



- **E o declínio...**

Citando tantas bandas Oi! ligadas fortemente com o anarquismo e a esquerda além do ativismo antifascista, como que a cena ficou tão relacionada à extrema direita?

Bom, os skinheads já eram amplamente explorados pela mídia pra falar sobre extrema direita, e de fato haviam diversos alinhados com a ela durante o surgimento da cena Oi!, mesmo que não fossem a maioria e fossem combatidos.

Em '81 é lançada a segunda coletânea Oi! produzida por Bushell, a "Strenght thru Oi!". A capa era pra ser um fisioculturista local chamado Carlton Leach, mas no final ele não apareceu para a sessão de fotos então eles tiveram a opção de ou atrasar o disco ou selecionar outra foto, então Bushell escolheu a imagem de um cartão que ele acreditava se tratar do filme *The Wanderers* ('79) e mandaram o disco pra prensagem, é só quando ele estava lá que a imagem tinha nitidez suficiente pra ver as tatuagens nazistas do cara da foto, e pra não atrasar a prensagem do disco eles resolveram usar um efeito pra apagar as tatuagens e mandaram prensar assim mesmo.

O disco fica pronto em Maio, e antes mesmo que a direita pudesse perceber que se tratava de um skin nazista na capa, a mídia já havia lançado uma reportagem falando sobre como a música punk (e Oi!) incitava a violência, e que esse disco além de ter um nazista na capa ainda fazia um trocadilho com o slogan nazista "Strenght through joy"... essa realmente surpreendeu Bushell, pois o trocadilho que ele havia feito era com o disco recém lançado da banda punk/new-wave *The Skids* que tinha o mesmo nome, mas a mídia nunca se preocupou em entrar em contato com ele antes de fazer a reportagem sensacionalista, que ainda por cima afirmava que aquele disco se tratava de um lançamento de extrema direita, mesmo que dentre as músicas se encontravam vários temas sobre classe e tivessem ali algumas bandas de esquerda.



História curiosa: O nazista que estava na capa da coletânea chamava-se Nicky Crane, posteriormente ele virou segurança da banda *Skrewdriver*, mas foi expulso da cena nazi porque descobriram que ele havia feito filmes pornôs gay.

Após sair da cena nazi ele chegou até a participar de uma parada do orgulho gay em '86, mas morreu poucos meses depois por complicações relacionadas a aids.

Além disso, uma gangue skinhead envolvida com o British Movement, a Tilbury, havia ficado famosa. Pra contrariar a Anti-Nazi League eles criaram o seu movimento Anti-Paki League, e a mídia correu para entrevistá-los quando ficaram

sabendo e já aproveitaram pra reforçar a imagem que vendia os jornais, ignorando que até as bandas despolitizadas como o Cockney Rejects odiavam o British Movement.

Mick White, integrante da gangue, foi entrevistado por Marshall no Skinhead Nation, ele conta: "Essas gigs estavam sempre cheias de estudantes e todos nós sabemos que eles são sempre comunistas, socialistas, esquerdistas ou o que você quiser chamá-los. Praticamente todo final de semana nós costumávamos esmagar esses cusões, eles realmente nos davam nos nervos ... No final nós íamos nos shows e todos os skins estavam de saco cheio conosco, mas ninguém tinha coragem de nos enfrentar. Um dia na loja [do Last Resort] um grupo de skinheads nos disse para parar de fazê-los serem barrados em todos os lugares por nossas brigas, e meu irmão, Doghead, retrucou 'É isso que significa ser skinhead seus idiotas, e se você não gosta de briga então não deveria ser um'. Isso calou a boca deles porque meu irmão era muito conhecido e muitas pessoas o temiam".

Com esse barulho sensacionalista sobre as bandas Oi! serem nazis, e também com atuação de grupos skins como o Tilbury, dois meses mais tarde iria acontecer uma gig com as bandas The Business, Last Resort e 4skins em Southall, um bairro de imigrantes paquistaneses. O dia dessa gig é unanimemente reconhecido pelos artistas e escritores da cena Oi! como o começo do fim.

Ao ficarem sabendo dela os moradores do bairro se revoltaram e atacaram vans que levavam skins para o evento e também a casa de shows, a incendiando. Houve grande confusão e muita gente ferida, e tenta adivinhar quem foram os culpados pela mídia no dia seguinte? Nem de longe quero dizer que os skins que foram eram santos, essas bandas em especial tinham um público mais conservador, mas uma reportagem posterior sobre o evento trás um tom sensacionalista impressionante, além das bobagens sobre o "Strenght thru Oi!" eles ainda leem uma publicação do jornal Bulldog (aquele patrocinado pelo NF que já citei anteriormente) na qual dizia que as bandas Oi! eram o braço musical do National Front, e que as bandas que negassem isso pagavam caro, e que eles teriam terminado com o Sham 69... frente a todo esse absurdo dito por um jornal e um partido que nada tiveram a ver com a produção da cena Oi!, a reportagem procurou as bandas ou o Bushell pra saber a verdade? Eles leram o que a Sounds, conceituada revista musical, falava sobre isso? Não, só leram o que o NF tinha a dizer e mandaram a mensagem que queriam pra rede nacional, de que a cena Oi! e skinhead e todas as suas bandas eram de fato nazistas.

A partir daí as bandas Oi!, e inclusive as 2tone, passaram todas a serem fortemente associadas com o nazismo e a extrema direita, mesmo as bandas que posicionavam politicamente contra ele. Logo casas de shows não queriam abrir espaço, lojas não queriam vender os discos, e a cena foi enfraquecendo.

Ao mesmo tempo, com todo o impulso da mídia sobre a cena ser sobre nazismo e violência as novas crianças que entravam no culto pensavam que ele era sobre isso então era isso que buscavam, assim a cena da extrema direita foi se

fortalecendo em volta das bandas já ativas como as punks Ovaltines ('79), ABH ('81), Brutal Attack ('79, que a partir de '83 se torna uma banda skinhead), a skunk Antisocial ('80) e as bandas skinheads Combat 84 ('80), Condemned 84 ('81 - na época chamada Criminal Tendencies), Die Hards ('81) e Peter & The Wolf ('81).

O National Front já tinha visto antes a oportunidade de se promover dentro da cena punk criando assim o Punk Front e o RAC em '78. Nesse momento o NF vê a chance pra recriar o RAC patrocinando essas bandas que em maioria eram skinheads e tinham maioria público skinhead.

Lembra o que eu falei sobre as bandas que seguiram a linha despolitizada do Cockney Rejects não terem tanta atitude como eles? Pela falta de espaço pra tocar, bandas como Cocksparrer, 4skins, Last Resort e Business começaram a tocar com a direita, inclusive em eventos do National Front. Esta corrente



era mais popular que a corrente politizada dentro da cena Oi! por causa dos dogmas e conceitos espalhados que política é coisa de partido político (Johnson tem sua parte aí). Mesmo essas bandas não terem ficado tanto tempo com a direita e hoje terem uma postura totalmente diferente (muitas hoje participam de festivais antifascistas, inclusive ao lado de bandas anarcopunks) a postura que eles pregavam na época, somado a fatores que citarei a seguir, foram os grandes responsáveis pela cena skinhead debandar quase que totalmente para a extrema direita ou ao apoliticismo covarde e conservador durante a metade dos anos 80.

Em '82 as coisas iam de mal a pior. A banda Skrewdriver, antiga banda punk, se reformou como uma banda skinhead e viraram os garotos propaganda do National Front, as brigas estavam constantes e muitas bandas originais Oi! começaram a sair de cena, como também muitas das bandas punks se afastaram e se concentraram na crescente cena hardcore que posteriormente ficou conhecida como "UK '82".

Nesse mesmo ano Bushell lança sua última coletânea Oi! e se afasta da cena. Além disso ele escreve um texto criticando a cena punk na revista Sounds dizendo que ela se tornou "estereotipada, guetorizada e fatalista perdendo seu caminho para a sensibilidade do Crass, que ignorava as realidades de classe da contemporânea sociedade britânica.". Em resposta, posteriormente, o Crass escreve a música "The greatest working class rip-off", que muita gente pensa se tratar de um tema sectarista entre punks e skins por criticar o Oi!, mas mais especificamente o pensamento do Bushell, quando na verdade essa mesma música diz "Punk é a música das pessoas e não importa de onde elas são. Preto ou branco, punk ou skin, não há certo ou errado! Nós somos todos seres humanos, alguns são podres outros são bons. Você pode enfiar suas falsas divisões mas eu sei que juntos nós poderíamos destruir o sistema, destruir suas leis". Pois é, no final o Crass falava sobre acabar com as divisões e unir punks e

skins... O ataque infantil de Bushell ao Crass se dá por eles trazerem uma estética muito mais artística do que rueira, além de terem grande influência da cena hippie e seus seguidores serem formados em grande parte por estudantes e intelectuais de classe média, coisa que Bushell sempre abominou, mas ele não era contra a cena anarcopunk em si, pois no mesmo artigo endossa a banda Conflict como um "furioso barulho anarquista".

Tal artigo não foi bem visto nem mesmo pela cena Oi!, afinal eles também eram punks. Antes de Bushell sair da Sounds e se tornar um controverso escritor de tabloides ele ainda participa de um debate na revista com figuras como Beki Bondage (Vice Squad), Mensi (Angelic Upstarts), Vi Subversa (Poison Girls), Jello Biafra (Dead Kennedys), Collin Jerwood (Conflict), Steve Drewett (Newtown Neurotics), Attila The Stockbroker entre outros. Nas palavras de Mensi "Eu acho que tudo depende de que porra de lado da cama ele levanta. Num minuto qualquer um é a maior coisa desde a invenção da torrada, e no outro está tudo morto! É tudo por causa de você [Bushell] ser um babaca!"



Debate punk na Sounds, 1982

Bom, com as bandas punks do Oi! se concentrando na cena hardcore, as bandas skins e skunx mais politizadas participando de eventos junto à cena anarcopunk (como os em benefício das greves dos mineradores), muitas outras acabando

(Blitz, Criminal Class e Red Alert param em '83, Partisans, Infa-Riot e Anti-Pasti em '84...), bem como o fim da cena 2tone (Selectors termina em '81, Beats em '83, Specials em '84...) a saída do Bushell da cena, que lançava o material clássico Oi! e também falava sobre ela na revista Sounds, juntos à nova influência do NF e o RAC, que agruparam também as bandas Oi! despolitizadas que eram as mais populares entre os skins e tudo isso aliado à mídia vendendo a cena Oi! como sendo nazista, o que você acha que virou a referência mundial sobre o que era Oi! e skinhead?

Em '83 o Skrewdriver forma o selo White Noise, que lança o seu single "White Power" e depois a coletânea "This is White Noise" em um compacto junto às bandas Die Hards, Brutal Attack e ABH. A White Noise teve outros lançamentos mas a coisa fica realmente grande quando o selo alemão Rock-o-Rama se interessa em produzir a cena nazista em '84, lançando literalmente uma centena de bandas nazi/fascistas até seu fim em '93. A organização Blood and Honour, formada em '87, também ajudou a espalhar a cena nazista.

Curiosidade: O selo Rock-o-Rama também lançou bandas como Skeptix, Appendix, Riistetyt, Terveet Kadet, Bastards e Kaaos, entre outras da cena punk finlandesa, mas a partir de '84 eles focaram só em bandas de extrema direita.

Sem mais coletâneas com as clássicas bandas Oi! antifascista e as 2tones sendo produzidas, as bandas resistentes sendo poucas e a Rock-o-Rama patrocinando uma invasão nazista global ao mesmo tempo que a mídia reafirmava que a cena skinhead era nazista o que antes era sensacionalismo se tornou realidade.

Por meados dos anos 80 é possível observar a migração ideológica da cena skin/Oi! em todos os países que ela existia, inclusive no Brasil... "Ah, então é assim que os skins são agora? Acho que é assim que tenho que ser então". Em quase todo lugar havia uma cena "saudável" de punks e skins, no festival O Começo do Fim do Mundo aqui, em '82, participam bandas skins como o Dose Brutal e Neuróticos, fora diversas outras bandas estavam envolvidas em maior ou menor grau com a idéia do Oi!. Uma foto antiga do Inocentes o Ariel usa uma camiseta escrita "skunk", posteriormente o Cólera lança uma música falando "Hardcore! Oi! Punk! Todos juntos!". O zine SP Punk de '82 traz um texto bem completo sobre Oi! falando sobre as visões do movimento e como eles se opunham ao fascismo. Em '84 o zine Alerta



Inocentes, 1982

Punk #4 traz um relato da cena de Tijuana no México onde eles dizem que punks, skinheads e skatistas estavam unidos pelos seus ideais antissistema, antiguerra

e contra a discriminação. O W.C Zine #2, de '86, traz um relato sobre a Bélgica que dizia que anarcopunks e redskins viviam juntos em squats. Em uma conversa que eu tive com o Vladi (Ulster, Brigada do Ódio) perguntei sobre como rolava isso, e ele me respondeu: "As bandas tocavam junta sim, por exemplo o Ulster tocou com o Dose Brutal sem nenhum problema para as bandas nem com o público. Já de 1986 em diante isto se tornou muito mais problemático". De fato, por essa época começam a surgir as primeiras bandas de direita aqui, como Nova Nação e Frente Nacional, em '87 surge a Locomotiva, primeira banda nazista brasileira, e a partir daí surgem Zurzir, Corrosão, Bandeira de Combate entre outras.

As organizações de extrema direita no Brasil veem a oportunidade pra replicar o que o National Front fez na Inglaterra, o livro "Carecas do Subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno" de Márcia Regina da Costa ('93) bem como o já citado "Skinhead: Os mitos ordenadores do Poder Branco paulista" de Alexandre Almeida (2004) narram essa incursão política na cena. Nas palavras de Almeida: "Quanto àqueles que hesitavam em se filiar às organizações, algumas formas de cooptação foram utilizadas. Sem citar o nome de uma organização específica, alguns entrevistados disseram que, de um modo geral, todas elas ofereciam cargos dentro da estrutura e financiamento de shows.". Reflexo disso em '86 a banda Vírus 27 lança um disco punk normal, "Parasitas Obrigatórios", criticando os militares, a desigualdade social e tal, em '87 o Dose Brutal lança um disco homônimo que também critica a desigualdade e tem até um tema sobre anarquia, e no mesmo ano a banda Tropa Suicida lança um split com a Kaos 64, banda anarquista que Joe90 (vocalista da Vírus 27) tocava guitarra, e no encarte é possível ver os integrantes do Tropa Suicida com símbolos de anarquia nas roupas. Em '88 o Joe90 sai da Kaos 64 e o Vírus 27 lança um disco ultra nacionalista chamado "Brasil Oi!", na contracapa do disco um dos integrantes faz um "siege heil" e no encarte eles fazem agradecimento ao FNB (Frente Nacionalista Brasileira, a nossa cópia do National Front inglês), nesse mesmo ano o Dose Brutal lança o disco "Vadia", que apesar de não ter temas nacionalistas, e tem até um que soa o contrário, no encarte do disco eles afirmam serem nacionalista, e ainda a banda Tropa Suicida participa da coletânea "Ronda Alternativa" e no encarte dela também afirmam serem nacionalistas.

1988 pra mim é um ano icônico para a cena nacional, além da ironia do número ele marca também uma virada total da cena skin/Oi! para o nacionalismo e a extrema direita, na verdade a única exceção aí, que remou contra a maré, foi o Garotos Podres, que em '88 lança também o disco "Pior que antes" e que traz temas extremamente politizados e de esquerda, como as músicas "Anistia", "Subúrbio Operário", "Proletários", "Garoto Podre" entre outras. Em uma entrevista pra revista Chiclete Com Banana a banda Vírus 27 revela não gostar dos Garotos Podres por eles cantaram que não acreditam na ordem e progresso.

Enfim, essa foi a derrocada mundial da cena Oi!.

- **A resistência**

Mesmo com o fim da cena Oi! clássica e da 2tone nem todos os skins se acomodaram com o avanço da extrema direita. Além do já citado Red Action formado em '81, que era voltado para a ação direta antifascista e que continuava na ativa, foi também formado em '85 o AFA, Anti-Fascist Action, com a junção de diversos grupos como o Direct Action Movement, Jewish Socialist Group entre outros, e dissidentes da Anti-Nazi League e do RAR, os quais julgaram terem relaxado na ação contra os fascistas por estarem envolvidos demais em jogos políticos pelo SWP. Eles faziam frente ao Blood and Honour e seu braço criminoso Combat 18 e também organizaram eventos entre '88 e '89 pelo seu próprio selo chamado Cable Street Beat (em homenagem à batalha de Cable Street em '34, quando os antifascistas do East End botaram os fascistas pra correr em sua própria marcha, bem similar à Revolta dos Galinhas-verdes que tivemos aqui no mesmo ano 3 dias mais tarde), nesses eventos tocaram bandas como Angelic Upstarts, Attila The Stockbroker e Beggars & Thieves.

Uma cena trad também se organizou contra a extrema direita. A partir de '83 começa a ser produzido o zine Hard as Nails, em uma entrevista o seu autor, Paul Barret, diz: "Nós queríamos que o Hard as Nails reconectasse o skinhead com suas raízes, classe trabalhadora anti-racista e inteligente". E outros zines como Back Against The Wall, Croptop e Bovver Boot o seguiram, como trads eles ligavam mais para a música reggae e ska e o visual, mas eram ativos contra a extrema direita ao invés de pregarem um apoliticismo covarde. Como resultado dessa posição dos trads em meados dos 80 surgiram duas grandes gangues antifascistas, os Spy Kids e os Globetrotters.

"Em 1985 haviam muitos skinheads em Glasgow, muitos boneheads, mas alguns de nós nos separamos e formamos nosso próprio grupo" diz Big Iain, um dos Spy Kids, em entrevista para Marshall no Skinhead Nation. Ele conta que muitos skins dessa geração do final dos anos 70 e começo dos 80 não conheciam sobre o que foi o skinhead nos anos 60, e que o lançamento do livro Skinhead de Nick Knight em '82 e o começo do zine Hard as Nail mudaram as coisas.

O grupo dos boneheads era a gangue Combat Skins, e nas palavras de Marshall "Por olhar de volta às raízes do culto uma grande dimensão de sons esquecidos foram redescobertos também, e mais e mais skinheads começaram a devotar suas energias para o skinhead reggae, soul e ska jamaicano. Esse amor pela música negra não dava espaço para os white power, e por isso criou-se uma divisão. Ou você estava com os Combats ou você estava com os Spy Kids, beber com os dois era fora de questão."

Os Spy Kids foram precursores da nova cena trad, só que se adaptaram ao seu tempo e, por tanto, tomaram a postura antifascista, mesmo que desassociada à política. "Política não deveria ter nada a ver com o culto e na verdade não tem. A mídia tenta manter vivo que os skinheads de direita causam problemas, mas quase todos os skins que eu conheço tem nada com política. Ainda há alguns grupos que se chamam skinheads, mas pra mim uma cabeça raspada e uma

jaqueta de piloto não faz de você um skinhead. Pra mim cada um tem as suas políticas, a minha eu chamaria de política da classe trabalhadora e eu voto pelo partido trabalhista, mas eu não sou extremo de maneira alguma." diz Big Iain. McGinn, também membro da Spy Kids, era o mais extremo antifascista entre eles, escrevia o zine Bovver Boot além de organizar festas para os skins, o que fez muitos se juntassem ao seu grupo, e eles juntos aos Globetrotters fizeram os Combats praticamente desaparecerem.

Os Globetrotters eram uma gangue de scooters formada por mods e skinheads, e curiosamente era liderada por um paquistanês, Rikki. Havia também outros paquistaneses na gangue, o que fazia ser racista entre eles ser algo complicado. Eles e os Spy Kids tinham muito em comum por isso a costumavam andar juntos. E também, uma curiosidade: Quem criou o slogan 'Espírito de 69' foram os Spy Kids, por tanto, para os trads lendo aqui, procurem se inspirar mais neles do que no covarde do Marshall que roubou o nome para seu livro.

Dentro os grupos proeminentes na luta antifascista fora da Inglaterra estavam os Redskins franceses, formados em '85, e que juntos a outros grupos como os Rudy Fox, Asnays e Ducky Boys combateram e limparam as ruas dos fascistas no final dos anos 80. Suas histórias são contadas no excelente documentário Antifa: Chasseur de skins de Marc-Aurèle Vecchione (2008).



Redskins, França

Em '87 surge em Minneapolis, Estados Unidos, o grupo Baldies. Eram garotos que curtiam hip-hop e punk rock e se identificaram com a cultura skin, e frente a grupos nazistas, como o White Knights, que agrediam qualquer não branco e anti-racistas eles resolveram se organizar. Em '89 os Baldies tinham declarado

Minneapolis uma "Zona livre de nazistas", segundo Crenshaw, um dos membros, "Nós eramos muito autocríticos quanto aos nossos passos. Mas sempre tivemos muito claro que eramos uma força política e uma organização que era conscientemente anti-racista" e suas ações inspiraram grupos de cidades vizinhas, que juntos organizaram o ARA (Anti-Racist Action). Entre os pontos de união o ARA se define como "um forte movimento contra o racismo, sexismo, antisemitismo, islamofobia, homofobia, transfobia e discriminação contra deficientes, idosos, jovens e as pessoas mais oprimidas. Nós queremos uma sociedade livre e sem classes".



Baldies em uma manifestação contra a intervenção americana na Nicarágua, 1987

Em '87 também é formado em Nova Iorque a SHARP (Skinheads Against Racial Prejudice). Inicialmente foi formada só pra tomar uma postura contra o racismo então acabou agregando skinheads de diversas posições políticas, só que ao se por contra o racismo e atuar junto a grupos de igual identidade você obrigatoriamente se junta a grupos libertários, o que incomodou os conservadores que tinham na cena. Marshall a todo tempo critica em seus livros a SHARP por julgá-la "muito política", assim como diversos outros skins também no documentário Skinhead Attitude de Daniel Schweizer (2003). Marshall tem seu dogma de que "anti-racismo" é uma postura extremista política, e seu livro, que sai em '91, parece ter contaminado a cena skinhead, por isso o tanto de outros skins documentados ao redor do mundo dizendo que faziam parte da SHARP mas largaram por causa da "política".

A cena SHARP foi impulsionada pela anarcopunk, inclusive Amy Miret da banda Nausea, a matriarca da cena anarcopunk americana, foi casada com Roger Miret da banda Agnostic Front. Em '88 o programa de TV People Are Talking faz um especial com skinheads onde representantes da SHARP divulgam sua idéia, e Amy estava lá também para falar contra o racismo e nazismo. Em '93 os skinheads mais politizados dentro da SHARP formam a RASH (Red and Anarchist Skinheads).

O documentário Skinhead Attitude é excelente e recomendo a todos, ele dá uma visão da cena mais pelo lado dos trads apesar de entrevistar muitos antifascistas ao redor do mundo. No final, RASHs do Estados Unidos e Canada se negam a dar entrevistas para um estranho produzindo um documentário do qual eles não sabiam a finalidade, mas isso pode ser explicado no, também recomendadíssimo, documentário russo Antifascist Attitude, produzido pelo grupo Children of Bakunin em 2008. Apesar de muitos skins no Skinhead Attitude repetirem o discurso de Marshall, seu final, mostrando a violência da extrema direita, acaba sendo um tapa na cara do apoliticismo e passividade.

- **Coerência**

Além do motivo citado no início, nos últimos anos eu presenciei algumas agressões banais, como vi um punk sendo agredido por outros em uma cidade do interior de SP só por estar com um patch do Casualties, e também uma punk sendo agredida em São Paulo por ter gritado "Êra antifa!" (e a palavra 'antifa' lá ter se relacionado a grupos street e Oi!).

Acho curioso alguns desses reclamarem que antifascismo virou ganguismo quando os mesmos praticam violência, e uma ainda mais absurda, baseada em preconceitos sectários.

Acho justo punks não quererem se misturar com skins e não aceitar street punks também, cada um faz o rolê que quer, mas como clamam tanto por uma coerência, eu também quero falar sobre ela, principalmente na parte musical, porque boicotar Garotos Podres e arrancar patches do Casualties dos outros é muito fácil, por tanto queria citar algumas outras bandas pra entrarem na lista de agressão ou boicote pra quem tiver patch delas:

Além das já faladas anteriormente, que faziam parte da cena street punk e formaram o UK '82, e praticamente todas as bandas nacionais dos anos 80, incluindo Cólera, que fala sobre união hardcore, punk e Oi!, e outras como Ação Direta, Ulster, Devotos e Grinders que fazem tributo ao Garotos Podres, bem como outras como Agrotóxico por compartilhar integrantes com o Flicts que apoia a cena antifa, ou a Teu Pai Já Sabe? que em entrevista disse apoiar a cena skin antifascista, entre muitas outras que deixaria a lista muito extensa, as mais importantes a serem boicotadas, na minha opinião, seriam Crass, Conflict, Subhumans, Poison Girls, Zounds, Flux of Pink Indians e Nausea, pois todas dividiram e ainda dividem palco com bandas Oi!... onde está a coerência em ser anti-Oi! mas apoiar bandas que apoiam a cena Oi!? Além dessas ainda é possível citar Extreme Noise Terror, Driller Killer, Warcollapse, Skitsystem, Doom, Antisect, Icons of Filth, Hellkrusher, Resist and Exist, Disrupt, Aus-Rotten, Los Crudos, Riistetyt, Rattus, Kaaos, Avskum, Terveet Kadet, Shitlickers, Fallas del Sistema, Sin Dios, Pussy Riot, entre outras, todas ou tendo gravado sons sobre união, feito covers de banda Oi!, citado bandas Oi! como suas influência, tendo tocado ao lado de bandas Oi! ou em eventos organizados por grupos Oi!... e não, não é coisa do passado, você pode conferir nos cartazes atuais de grandes festivais europeus como o Punk & Disorderly, Durham Punk Fest, Rebellion ou Scum Fest.

Ao dizer que a cena Oi! é fascista você está afirmando uma das duas coisas: Ou que todas as bandas citadas acima colam conscientemente com fascistas, ou então que, elas com seus 20, 25, 30, 35 anos ou mais de cena, sendo as próprias criadoras do anarcopunk, crust e raw e que pavimentaram o caminho para tudo que temos agora, você está afirmando que sabe mais do que todas elas... bom, se acredita que de fato sabe mais, continue seu boicote, mas não esqueça de boicotá-las também por tocarem ao lado dos Oi!, mantenha-se coerente.

Minha intenção aqui não é que tu termine de ler isso aqui e vá abraçar um skinhead na rua, longe disso! Mesmo com a existência de uma cena antifascista, a cena fascista ainda é grande e a cena pilantra é maior ainda (ainda pior, atualizando pra 2016, com selos como a The Firm Records e Semper Adversus - do Blind Pigs - promovendo bandas carecas e bandas de "nazistas arrependidos" dentro da cena punk pregando uma união apolítica), mas a generalização é burrice, fica do mesmo nível de gente que fala que rap é coisa de bandido, e julgar alguém só pela roupa que veste não parece uma atitude muito libertária. Como já dizia o Crass: "Preto ou branco, punk ou skin, não há certo ou errado! Nós somos todos seres humanos, alguns são podres outros são bons. Você pode enfiar suas falsas divisões mas eu sei que juntos nós poderíamos destruir o sistema, destruir suas leis".

Sobre o meu amigo querido que citei no começo que estava com problemas e tentei levá-lo para um squat pra dar um tempo mas foi negado, hoje ele está morto, foi cercado e assassinado por um grupo de nazistas em 17 de Março de 2013, e escrevo este material contra o sectarismo em homenagem a ele. Êra Lagarto! Sua luta continua conosco!

- **Principais fontes de referência**

The Paint House: Words from an East End gang, Susan Daniel & Pete McGuire, 1972
Oi! A view from the dead end street, Garry Johnson, 1981
Skinhead, Nick Knight, 1982
Spirit of '69: Skinhead bible, George Marshall, 1991
Os Carecas do Subúrbio, Márcia Regina da Costa, 1993
Skinhead Nation, George Marshall, 1996
Punk rock: So what? The cultural legacy of punk, Roger Sabin, 1999
Boots and Braces, Christian W Thomsen, 2000
Oi! The Truth, Garry Bushell, 2001
Skinhead: Os mitos ordenadores do Poder Branco paulista, Alexandre Almeida, 2004
Os fanzines contam uma história sobre punks, Antônio Carlos de Oliveira, 2006
O anarquismo no movimento punk, Valdir da Silva de Oliveira, 2007
Oi! Oi! Oi!: Class, locality and British punk, Matthew Worley, 2013

What's the truth about Hells Angels and skinheads?, BBC, 1969
The punk rock movie, Don Letts, 1978
The decline of western civilization, Penelope Spheeris, 1981
O começo do fim do mundo, 1982
UK/DK: A film about punks and skinheads, Christopher Collins & Ken Lawrence, 1983
Punks em São Paulo, Sara Yakhnin, 1983
People are talking: Skinheads, WBZ-TV, 1988
The lost race: History of National Front, BBC, 1999
Skinhead attitude, Daniel Schweizer, 2003
Burning Britain: The history of punk 1980-1984, Ian Glasper, 2004
Botinada: A origem do punk no Brasil, Gastão Moreira, 2006
The day the country died: A history of anarchopunk, Ian Glasper & Roy Wallace, 2007
Antifa: Chasseur de skins, Marc-Aurèle Vecchione, 2008
Antifascist Attitude, Children of Bakunin, 2008
National Front history, compilação por NatDemUK, 2009
Who shot the sheriff? Rock against racism documentary, Alan Miles, 2010

Além de diversos outros livros, dissertações, artigos, textos, documentários, vídeos, incontáveis zines, entrevistas, encartes de discos e conversas pessoais com quem vive e viveu essa cena aqui e lá fora. Sem preguiça de estar sempre aprendendo.

Envie críticas e ameaças de morte para: pira_hc@hotmail.com



LAGARTO VIVE!!!

QUEM REALMENTE
FOI DOUTRINADO?



Primeiramente, sim, a imagem é um cartaz que foi utilizado pelos Carecas do Brasil, mesmo eles clamando não terem nada a ver com nazismo. Mas no decorrer do texto vai ficar mais claro o porquê dessa imagem bem como qual a origem do nome do grupo.

Sempre vejo por aí publicações carecas numa paranoia de Guerra Fria falando sobre conspirações e doutrinações comunistas aqui e acolá, mas tudo bem, os caras são ultraconservadores e não é de se esperar menos, mas olhando sobre uns temas parei pra pensar sobre o que as bandas precursoras dessa cena realmente pensavam, e como, curiosamente, durante a guerra fria eles não tinham tal pensamento. O que me levou à questão: Quem realmente foi doutrinado?

Acho que todo mundo conhece o Neuróticos, que com sua gravação da musica Careca no O Começo do Fim do Mundo de 1982 foram a primeira a banda a falar sobre essa cena... tu lembra o que eles falam? "Não gostamos de fascismo, não gostamos de racismo...". O que pouca gente conhece são seus outros sons registrados pela câmera da Tina (suponho) no festival. Entre eles um chamado Punk e outro Garoto Podre falando da opressão que sofriam, mas também um chamado Eu Não Sei o Que é Religião que critica a religião, em especial o cristianismo.



Pouca gente conhece também a primeira banda careca do Rio de Janeiro, chamada Central do Brasil, que em '86 gravou uma musica chamada Natal dos Carecas, uma paródia do Jingle Bells (Sino de Belém) em que falam "Lutamos pela igualdade, liberdade de opção, fazer uma sociedade com menos imposição"... o que será que tornou a luta dos carecas hoje uma luta contra a igualdade e liberdade de opção? Uma luta pela imposição da moral, costumes e família tradicional cristã?

Bom, se tu perguntar pra qualquer careca por aí eles vão dizer que eles não tem nada a ver com nazismo ou fascismo, mesmo que extrema-direita e ultranacionalismo, ultraconservadorismo sejam apenas eufemismos pra fascismo, eles vão negar, como vêm negando por quase 30 anos, e preferem criar pra si mesmo origens míticas, como a de o nome Carecas do Brasil ter surgido em '83 de alguns carecas do Rio que se reuniam na Central do Brasil, ignorando o fato que as próprias publicações cariocas como o zine Brasil Oi! sempre se referiu aos

carecas de lá como Carecas do Subúrbio ou Carecas do Rio de Janeiro e que o nome Carecas do Brasil, como um movimento, aparece a primeira vez em '88 tanto no Brasil Oi! do Rio como no Lute ou Vegete de Santos através de um manifesto da FNB (Frente Nacionalista Brasileira), grupo que tinha suas publicações assinadas pelo PNSB (Partido Nacional Socialista Brasileiro) - e os editores de ambos os zines se consideravam nacional socialistas na época, ou nazistas em bom português.



Acho que o movimento careca se faz valer da Falácia do Verdadeiro Escocês. O movimento não tem nada a ver com partidos de extrema direita, mesmo que seus zines, seus eventos, seus discos fossem patrocinados por estes partidos, tipo o Vírus 27 fazendo agradecimento ao Partido FNB no encarte do disco Brasil Oi! (com direito a Sieg Heil na contracapa - que vão vir com alguma desculpa de que era um Anauê que saiu errado, já sabemos). Como também a postura antidrogas deles, mas que numa série de entrevistas realizadas no final dos anos 80 e começo dos 90 pela Márcia Regina para o livro Os Carecas do Subúrbio todos falavam "a gente é contra as drogas, mas tem uns caras que usam", quer dizer, sempre "os outros" não seguindo o que deveria ser, as atitudes dos carecas não

refletiam o que eles idealizavam para o movimento.

Ainda sobre essa postura, após a participação dos carecas no II Encontro Anti-Nuclear em Recife em 1987 um zine denunciou a atitude do Joe90, vocalista do Vírus 27, em que fazia discurso antidrogas e dizia que agrediam quem usava, mas queria usar com a galera, como também se vangloriou de agredir um casal de lésbicas na rodoviária antes de sair de SP pela falta de moralidade mas sugeriu fazer uma suruba com as meninas do movimento punk de lá, entre outras hipocrisias. Esse manifesto do zine Revolta Proletária de '87 é possivelmente o pivô do movimento anti-Oi! no Brasil, em um trecho chega a falar de um "Movimento anti-Carecas do Subúrbio" - mais uma indicação que o termo Carecas do Brasil ter sido criado no Rio em '83 é uma origem mítica, em '87 ainda se identificavam como Carecas do Subúrbio.

Sobre esse lance de "origem mítica" fica complicado porque a "lembrança" muitas vezes difere do que foi registrado. É comum nos materiais de careca falar que lá desde o começo eles diferiam ou discordavam dos punks por questões de vandalismo ou uso de droga, mas essas questões eram criticadas pelos próprios punks, não só em zines mas também em cartazes de shows e é possível ouvir tais críticas em algumas gravações ao vivo, e os próprios carecas também praticavam vandalismo e usavam drogas. Também tem que se lembrar que os Carecas do Subúrbio eram no começo uma gangue punk, e ela aumenta com o

fim de outras gangues e mais punks se juntam. As raízes "diferentes" parecem vir mais de uma vontade de se afirmar diferente do que a realidade, mesmo politicamente as letras das bandas que se identificavam como carecas não diferia tanto das punks, tendo as mesmas temáticas e até usando os mesmos símbolos, e até '88 ainda haviam carecas anarquistas escrevendo para zines como do NCP (Núcleo de Consciência Punk).

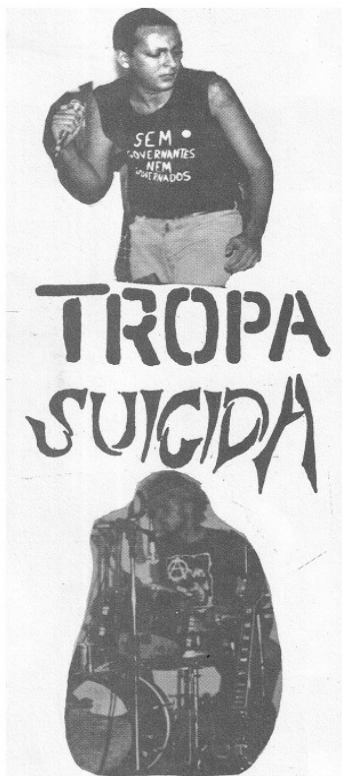
O que realmente mudou foi a aproximação de organizações e partidos de extrema-direita no movimento careca, talvez tentando mimetizar a experiência inglesa, afinal aqui adotam até mesmo o nome traduzido do National Front.

Um dos nomes que se aproxima dos carecas é Anésio de Lara Campos, que em '85 reorganiza a AIB (Ação Integralista Brasileira), seu envolvimento gerou alguns conflitos, como no primeiro de maio de '88, mas dele surgem os Carecas do ABC com ideal integralista. Outro nome é o Armando Zanine Pereira Junior, que forma também em '85 o PNSB e em '87 o FNB ligado diretamente aos carecas e também Aldo Onesti Mônaco que integrou tanto o PNSB como o AIB e também escrevia pra editora nazista Revisão do Siegfried Ellwanger Castan.

Começam a circular dentro de cena e em todos os zines publicações da Revisão, exaltando Hitler e dizendo que na verdade ele não era racista, o que faz esse fenômeno de nacionais socialistas não-racistas aqui e muitos carecas negros se dizendo nazistas ou fãs de Hitler.

No livro sobre o Poder Branco paulista, de Alexandre Almeida, ele cita "Quanto àqueles que hesitavam em se filiar às organizações, algumas formas de cooptação foram utilizadas. Sem citar o nome de uma organização específica, alguns entrevistados disseram que, de um modo geral, todas elas ofereciam cargos dentro da estrutura e financiamento de shows." - um exemplo pode ser o Genivaldo, vocalista do Tropa Suicida, editor do Lute ou Vegete e organizador do Dezembro Negro/Dezembro Oil, que vira dirigente da Juventude Nacional Socialista Brasileira, braços do PNSB.

O resultado dessa influência partidária é uma rápida posição política da cena careca, e '88 parece ter sido um ano chave para tal. Sem entrar na questão de letras agora, é possível ver no disco de '86 do Virus 27, Parasitas Obrigatórios, um A de anarquia na contracapa. Do ano seguinte o disco homônimo do Dose Brutal tem um tema falando sobre anarquia e no split do Tropa Suicida com Kaos 64 é possível ver o baterista com um A de anarquia e escrito na camiseta do vocalista "sem governantes, sem governados". Mas em 1988,



além de manifesto da FNB dos Carecas do Brasil, o Vírus 27 lança seu disco nacionalista Brasil Oil!, o Dose Brutal lança o disco Vadia em que no encarte dizem "Ame o Brasil", "a única solução é o nacionalismo" e o Tropa Suicida participa da coletânea Ronda Alternativa onde também se assumem nacionalistas.

Então mantenho a pergunta:

Quem realmente foi doutrinado?

Hoje o movimento careca parece ter algumas posições claras por suas publicações, a maioria deve advir da paranoia de Guerra Fria dessa cena, mas vamos ver o que os carecas falavam sobre alguns temas antes dos partidos de extrema-direita ditarem uma ideologia?

- Militares

Hoje: Adoram os militares e pregam a volta da ditadura.

Antes:

Vírus 27 "Nas mãos dos militares, são bando de fascistas" (Gastos Militares) / "Sai fora militares, detesto o poder" (Lutar para Viver)

Tropa Suicida "Em nome da ordem no país jovens foram torturados a mando dos generais (Brasil)

Desordeiros "Bonecos de pano pintados de verde, falam arrogante pra cima da gente, fazem parada e exibem canhões, jogam na guerra os inocentes e acham-se donos de nossas ações (Bonecos de Pano)

Neuróticos "Não gostamos de fascismo" (Careca)

- Policia

Hoje: Adoram a policia e acham justas todas suas ações.

Antes:

Vírus 27 "Você de arma na mão, joga isso no chão e junte-se a união" (Reprecaos) / "Eu leio no jornal repressão policia" (Vida Civil)

Tropa Suicida "Só vejo lixo, injustiças, a policia esmagando pessoas nas ruas" (Democracia?) / "A policia segue nossos passos esperando a chance para nos matar" (Desordem Nacional)

Dose Brutal "Só prendem pessoas inocentes e só gostam de bater" (Policia)

- Maioridade Penal

Hoje: Apoiam e além de quererem punição debocham da condição de vida.

Antes:

Vírus 27 "Quem não tem dó da vida do menor. que rouba pra comer, que rouba pra viver" (Menor Abandonado)

Tropa Suicida "Moleque de rua, pivete de praça, que pede comida, que pede dinheiro, que rouba e que mata, que apanha e assalta, que fabrica seus sonhos num saco de cola, sua hora chegou, você tem que lutar, a policia te esmaga, mas você contra-ataca" (Moleque de Rua)

Desordeiros "Dia triste, noite escura, uma migalha de pão ela come, vejo em seus

olhos raiva, loucura, ela precisa matar sua fome" (Criança Abandonada)
Histeria Oi! "Eles estão sem futuro, o mundo não quer saber, eles se prostituem, até roubam para viver. Chamam de marginais, mas não sabem o que se passa, se lá fora está tudo bem, para eles isto basta" (Meninos do Brasil)

- Política

Hoje: Defendem o Capitalismo e debocham da igualdade, as lutas sociais e a luta de classes.

Antes:

Vírus 27 "Esse capitalismo nos leva pouco a pouco à beira de um abismo, isso nos deixa loucos" (Capitalismo) / "Moram em mansão, pois ganham de montão, tem muita regalia pois são da burguesia" (Trapaças)

Tropa Suicida "No trabalho somos explorados e não sobra grana pra estudar" (Desordem Nacional)

Dose Brutal "Muitos morrem de fome e dão risada para esquecer que trabalham o dia inteiro e não tem o que comer" (O Que Fazer?)

Desordeiros "Salário de fome eles vão pagar, seu suor vai correr ninguém vai ligar, marcam o tempo a qualidade sumiu, produzam mais rápido quantidade é o que importa, o emprego é a vida, o pão, o sustento, o patrão lhe obriga e não admite lamento, trabalhem, trabalhem, de dia e de noite, e se houver greve eu busco o açoite" (Patrões) / "Desordeiros somos chamados porque não ficamos calados, não obedecemos nenhum maior, acreditamos todo homem é igual" (Desordeiros do Brasil)

Central do Brasil "Lutamos pela igualdade, liberdade de opção, fazer uma sociedade com menos imposição" (Natal dos Carecas)

Basicamente o que nós vemos aí são letras baseadas em sua vivência enquanto classe trabalhadora suburbana. Vendo as desigualdades do capitalismo, a exploração da burguesia, o abuso do poder da polícia e a opressão do militarismo. Há também empatia pelos que foram mais oprimidos pelo sistema, pelos pobres, pelas crianças de rua, mas toda a sinceridade das letras foram substituídas por jargões políticos e por ideias vazias de nacionalismo e moralidade após a invasão dos partidos fascistas e hoje o que sobrou é uma doutrinação política de extrema direita, do pensamento paranoico de Guerra Fria e da oposição à qualquer progresso social em nome do conservadorismo.

Chega a ser cômico, ao passo que tentam manter uma identidade de classe trabalhadora, defendem políticas que só interessam à burguesia e à manutenção do status quo. A classe trabalhadora unida nunca se aliou aos fascistas, mas os combateu, e quem os apoiou e compraram suas ideias nada mais foram do que massa de manobra dos interesses dos poderosos, usados como peões, o que sobrou hoje do que um dia foi um movimento que gritou contra o fascismo e pedindo por igualdade.

Então os paranoicos falam de doutrinação comunista por todos os cantos? Mas sinto informar que se alguém foi doutrinado, estes foram os Carecas, que perderam sua identidade pra se tornarem peões do sistema.

Distribuições:
Acracia Editora

